

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE GOIÁS Uni-ANHANGUERA
PEDAGOGIA

**DIVERSIDADE DE GÊNERO: DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO
DOCENTE**

PAULA GEOVANNA NATAL DE ALCÂNTARA CRUZ

GOIÂNIA
Novembro/2018

PAULA GEOVANNA NATAL DE ALCÂNTARA CRUZ

**DIVERSIDADE DE GÊNERO: DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO
DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário de Goiás - Uni-ANHANGUERA, sob orientação da Professora Ma. Patrícia Adorno, como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia.

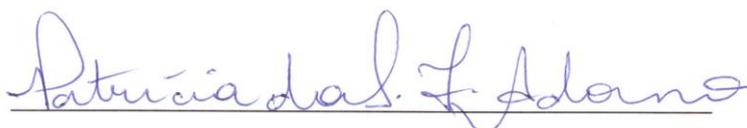
GOIÂNIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

PAULA GEOVANNA NATAL DE ALCÂNTARA CRUZ

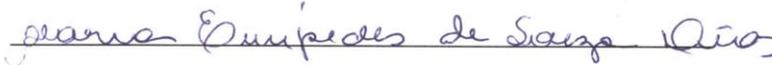
DIVERSIDADE DE GÊNERO: DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora como requisito parcial para obtenção da Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário de Goiás - Uni-ANHANGUERA, defendido e aprovado em 24 de novembro de 2018 pela banca examinadora constituída por:



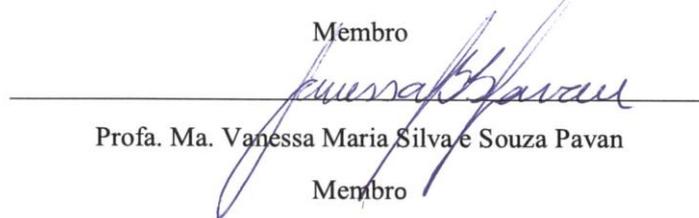
Prof. Ma. Patrícia da Silva Fernandes Adorno

Orientadora



Prof. Esp. Maria Eurípedes de Souza Dias

Membro



Prof. Ma. Vanessa Maria Silva e Souza Pavan

Membro

DIVERSIDADE DE GÊNERO: DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

GENDER DIVERSITY: CHALLENGES TO TEACHER EDUCATION

Acadêmica: Paula Geovanna Natal de Alcântara Cruz¹
Orientadora: Professora Ma. Patrícia da Silva Fernandes Adorno²

RESUMO: O presente artigo tem por finalidade investigar os desafios da formação docente para a diversidade de gênero. Através da terceira onda do feminismo na década de 1990, o termo “gênero” tornou-se popularizado, a luta pela igualdade dos direitos entre os homens e mulheres, além de propor novas formas de pensar as questões masculinas e femininas, fez a palavra gênero se tornar um objeto de estudo e uma maneira de dividir a sociedade através do sexo. A sociedade estabeleceu uma organização social, onde se impõe conceitos como por exemplo “menina não joga bola” ou “menino não dança”, afinal, ser menino e menina não se restringe apenas a essas características e conceitos estabelecidos. Portanto, discutir sobre gênero nas escolas torna-se imprescindível, pois é no ambiente escolar que as crianças se socializam, conhecem e aprendem sobre novas culturas, valores éticos, morais, etc. Neste sentido, alguém precisa estar preparado para falar, refletir e esclarecer sobre gênero nas escolas, ninguém melhor do que o educador, o mesmo deve falar sobre este assunto de forma didática, para que seus educandos aprendam a respeitar as diferenças, tratar de gênero é tratar também de direitos humanos, buscando união, respeito e o mais importante, buscar uma cultura de paz. Portanto, o presente trabalho, através de uma revisão bibliográfica respalda os estudos de Auad (2018), Lins (2016), Louro (2014), Nunes (2011), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Relações de gênero. Docente. Formação humana. Cultura da paz.

ABSTRACT: The purpose of this article is to investigate the challenges of teacher education for gender diversity. Through the third wave of feminism in the 1990s, the term "gender" became popularized, the struggle for equal rights between men and women, in addition to proposing new ways of thinking about male and female issues, made the word gender become an object of study and a way of dividing society through sex. Society has established a social organization, where it imposes concepts such as "girl does not play ball" or "boy does not dance", after all, being a boy and a girl is not restricted to these characteristics and established concepts. Therefore, discussing gender in schools becomes essential, because it is in the school environment that children socialize, know and learn about new cultures, ethical, moral values, etc. In this sense, someone needs to be prepared to speak, reflect and clarify about gender in schools, no one better than the educator, the same should speak about this subject in a didactic way, so that their students learn to respect the differences, dealing with gender is also about human rights, seeking union, respect and more important to seek a culture of peace. Therefore, the present work, through a bibliographic review, supports the studies of Auad (2018), Lins (2016), Louro (2014), Nunes (2011), among others.

KEY WORDS: Gender relations. Teacher. Human formation. Culture of peace.

¹ Graduanda em Pedagogia no Centro Universitário de Goiás – Uni-ANHANGUERA. Currículo Lattes: (link direto). E-mail: paulageovanna15@hotmail.com

² Professora Mestre Adjunto/Assistente/Auxiliar no Centro Universitário de Goiás – Uni-ANHANGUERA. E-mail: patriciaadorno@gmail.com

1. Introdução

O presente trabalho torna-se relevante em razão da falta de preparo e formação dos docentes para enfrentar os desafios da diversidade de gênero nas escolas. O intuito deste tema é enfatizar a importância de os futuros docentes e atuantes da profissão receberem uma formação livre de preconceitos, discriminações, violências e exclusões. Neste sentido, Lins (p. 10, 2016) afirma que, “acreditamos ser possível construir uma escola em que gênero não seja restritivo e excludente, mas plural, uma escola em que se assegure uma educação genuinamente inclusiva e transformadora.”.

O trabalho propõe refletir sobre os papéis socio-históricos estabelecidos pela sociedade como: “rosa é cor de menina” ou “azul é cor de menino”, “essa menina não quer brincar de boneca” ou “aquele menino não gosta de futebol”, ou seja, refletir sobre esses modelos de práticas que foram socialmente construídas no contexto escolar, gerando muitos preconceitos. Segundo Lins (2016, p. 10), “devemos tomar cuidado na forma como construímos e elaboramos frases, para não reproduzir assimetrias de gênero, pois arranjos de gênero colocados em prática na sociedade exercem uma força sobre toda nossa vida cotidiana.”.

A formação da atividade docente é importante para preparar os mesmos para o exercício da profissão, portanto espera-se que os educadores e educadoras busquem voltar o olhar para o ser humano, um olhar transformador, livre de qualquer tipo de estereótipo e discriminação, educar para a diversidade é o que se espera da formação docente. Portanto, este trabalho fará uma reflexão sobre os desafios desta formação para a diversidade de gênero, onde o docente receberá uma formação voltada para oferecer um ambiente inclusivo e transformador para os seus educandos e educandas.

Colocando a formação docente como foco desta problematização, por acreditar que esta é a mudança que a educação precisa para se tornar um ambiente escolar inclusivo, evitando assim a marginalização, exclusão e violência dentro das escolas, este trabalho irá fazer uma reflexão sobre os desafios desta formação para a diversidade de gênero, pretende-se então, atribuir-se que “educar para a diversidade e a inclusão é fazer das diferenças um trunfo, explorá-las na sua riqueza, possibilitar a troca, proceder como grupo, entender que o acontecer humano é feito de avanços e limites.”. (DINIZ, 2012, p. 102). Portanto, qual a importância da formação docente para enfrentar os desafios quanto a diversidade de gênero nas escolas?

Em busca de um espaço escolar diverso, plural e aberto, precisa-se investir na formação docente, pois é na relação entre aluno e professor que acontecerá a aprendizagem do respeito à diversidade, pois são estes os profissionais que tornarão a sala de aula um ambiente acolhedor, transformador e sem discriminação.

É na escola que as crianças constroem sua identidade e aprendem o exercício da cidadania, por isso os educadores devem receber a formação adequada para trabalhar com a diversidade de gênero, esta formação é importante para que, durante a sua atuação em sala de aula, o professor consiga fazer deste lugar um ambiente democrático, inclusivo e seguro.

A educação necessita de docentes formados para a diversidade, docentes inclusivos, transformadores e capacitados para enfrentar os desafios da diversidade de gênero nas escolas, desafios esses como os estereótipos, a generalização e as expectativas de gêneros.

A formação docente para a diversidade de gênero é relevante para fazer da escola um ambiente escolar democrático, inclusivo, acolhedor e livre de qualquer tipo de preconceito ou discriminação, são estes um desafio a se enfrentar, porém é necessário para que os futuros docentes tenham um olhar humano e transformador, são estes os profissionais que podem contribuir para a mudança da educação quanto à diversidade de gênero e promover a paz nas escolas.

A relevância deste tema é que a diversidade está na sala de aula, portanto, os educadores devem receber uma formação adequada para trabalhar com tanta diversidade nas escolas, com o intuito de construir um ambiente escolar plural, democrático, livre de qualquer tipo de discriminação e desigualdade, estimulando assim a paz nas escolas, a inclusão de todos os educandos rompendo com os estereótipos e violência gerada pelos preconceitos.

Portanto, o presente estudo tem como objetivo, buscar investigar a importância da formação docente para enfrentar os desafios da diversidade de gênero no contexto escolar e refletir sobre a importância de formar docentes para a diversidade de gênero nas escolas, analisar a relevância da diversidade de gênero no espaço escolar em busca de uma escola plural e propor uma cultura sobre a paz nas escolas, com o intuito de romper com a violência gerada pelos preconceitos.

2. Metodologia

Este presente estudo foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica em diversos livros de autores especialistas, artigos científicos, revistas direcionadas para a temática de diversidade de gênero, igualdade e diferença e formação docente.

Sobre a importância da leitura, Marconi e Lakatos (2003, p. 18) afirma que,

A leitura constitui-se em fator decisivo de estudo, pois propicia a ampliação de conhecimentos, a obtenção de informações básicas ou específicas, a abertura de novos horizontes para a mente, a sistematização do pensamento, o enriquecimento de vocabulário e o melhor entendimento do conteúdo das obras.

Neste sentido, foi através da leitura que foi possível construir o referencial teórico, foi com base nas leituras buscou-se o enriquecimento do entendimento do assunto abordado neste estudo.

Lakatos e Marconi (2001, p. 183), sobre a pesquisa bibliográfica citam que,

[...] toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, cartográficos, teses, materiais cartográficos, etc. [...] e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...].

Nessa perspectiva, a pesquisa bibliográfica foi a base para a construção do desenvolvimento do trabalho, teve-se as referências como um norte para a elaboração do estudo. No sentido de desenvolver uma pesquisa rica em conteúdo, a leitura de livros relacionados ao tema teve extrema importância.

3. Considerações acerca do termo “gênero”

Neste estudo sobre gênero buscou-se conceituá-lo e abordar o mesmo nas escolas, pois a proposta deste trabalho é a formação docente para enfrentar os desafios da diversidade de gênero no ambiente escolar.

A palavra “gênero” nunca havia sido citada para se referir às relações entre o masculino e o feminino, foi na década de 1970 o termo gênero passou a ser utilizado pela teoria social, esse conceito manifestou-se através de estudos sobre a situação feminina e as desigualdades existentes entre homens e mulheres.

De acordo com Lins (2016, p. 25),

O termo “gênero” se popularizou na década de 1990, mas começou a ser utilizado pela teoria social na década de 1970 como forma de propor novas maneiras de pensar as noções de feminino e masculino, além das explicações biológicas, e inserindo-as em relações sociais de poder.

Na década de 1990, quando o referido termo se popularizou, as feministas da época começaram a fazer parte da terceira onda do feminismo, chamada “teoria *queer*”, segundo Lins (2016, p. 33), “[...] a teoria *queer* se apresenta como uma forma de contestar os próprios processos de normalização de gênero, vistos como restritivos e excludentes.”. Esses processos foram construídos para aqueles indivíduos que não se identificam ou se enquadram nas expectativas de gênero, desenvolvidas socialmente para o masculino e feminino. Nesse sentido, Lins (2016, p. 33) cita que, “a teoria *queer* não é uma identidade, mas uma aliança em direção à pluralidade, ao respeito e aos direitos [...]”. Ou seja, esta teoria é considerada uma aliança, onde as feministas da época lutavam pelos seus direitos e pelo respeito, com a finalidade de extinguir as desigualdades de gênero. Ainda sobre os movimentos feministas, Lins (2016, p. 27) cita que, “[...] Também conhecido como movimento de mulheres, o feminismo tem como um de seus lemas históricos: “Homens, seus direitos e nada mais. Mulheres, seus direitos e nada a menos”, frase que tem como foco a equidade de direitos.”. Neste sentido, entende-se que a luta pelos direitos iguais em relação aos gêneros vem desde o século XX, foram anos lutando pela equidade dos direitos, em busca de respeito e igualdade.

Sobre o conceito de gênero, Auad (2018, p. 21) diz que,

Gênero não é sinônimo de sexo (masculino e feminino). As relações de gênero correspondem ao conjunto de representações construído em cada sociedade, ao longo de sua história, para atribuir significados, símbolos e diferenças para cada um dos sexos.

Portanto, gênero e sexo não possuem o mesmo significado, cada um tem o seu conceito, neste caso, consideramos o gênero objeto principal do trabalho proposto como uma construção social atribuída pela sociedade, que ao longo dos anos contribuiu para o fortalecimento da organização social que chamamos de masculino e feminino.

De acordo com Viana e Ridenti (1998, p. 96 e 97),

O gênero começou a ser utilizado como uma maneira de se referir à organização social entre os sexos, de insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas sobre o corpo, e de destacar o caráter relacional das definições normativas da feminilidade e da masculinidade, isto é, mulheres e homens passam a ser definidos em termos recíprocos. Gênero remete, portanto, a uma tentativa de incorporar, na análise, aspectos que não são socialmente construídos, observando que cada cultura define o que é masculino e feminino. Ou seja, trata de definições mutáveis, que podem e, por vezes, devem ser alteradas.

Neste sentido, o foco do trabalho se volta justamente para a compreensão do termo gênero ser utilizado para relacionar-se à uma organização social entre os sexos, ou seja, homens e mulheres. As relações entre os sujeitos são construídas no campo social, “já que é

no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros.”. (LOURO, 2014, p. 26). Nesta perspectiva, o conceito de gênero foi construído através de uma organização social estabelecida pela sociedade, dividida entre masculino e feminino.

Deve-se então, compreender o gênero como componente formador da identidade dos sujeitos, compreendido como: identidade sexual e de gênero.

Sobre as identidades sexual e de gênero, Louro (2014, p. 31) cita que,

Suas *identidades sexuais* se constituiriam, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as. Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas *identidades de gênero*.

Essas identidades dos sujeitos estão sempre se transformando, pois não são acabadas, ou seja, é difícil não relacionar as identidades sexuais e de gênero, porém, não são a mesma coisa. Segundo Louro (2014, p. 31), “Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres, etc.)”. Neste caso, a identidade sexual se refere as escolhas sexuais e desejos dos indivíduos, já a identidade de gênero se constrói socialmente e historicamente.

Ainda sobre as relações de gênero, Auad (2018, p. 19) diz que,

Vale ressaltar que as relações de gênero, do modo como estão organizadas em nossa sociedade, são uma máquina de produzir desigualdades. As visões naturalistas sobre mulheres, meninas, homens e meninos representam travas para a superação dessa situação.

Essas desigualdades entre os gêneros masculinos e femininos acontecem também no ambiente escolar, atitudes como desigualdades, discriminações ou exclusões devem ser abolidas e prevenidas pelos docentes e demais profissionais da educação. Para Lins (2016, p. 16), “[...] Quando usamos o termo “desigualdade de gênero”, nos referimos às relações de poder, privilégio ou hierarquias sociais criadas a partir das diferenças percebidas entre homens e mulheres, ou entre masculinidades e feminilidades.”. Portanto, quando usamos frases discriminatórias como “menino não chora” ou “menina não senta assim”, estamos incentivando estereótipos de gênero, essas atitudes devem ser prevenidas por parte dos docentes e por isso ressalta-se a importância da formação docente para a diversidade de gênero, já que a escola deve ser transformadora, democrática e o docente deve ser acolhedor e inclusivo.

4. A escola e a diversidade de gênero

Sobre o direito à educação, a Constituição Federal (2017, p. 160) afirma que,

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; III – pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; IV – gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

Portanto, toda pessoa tem direito à educação, sendo assim, a escola precisa trabalhar diversas questões como a diversidade como um todo, sendo: a de gênero, cultural, religiosa, etc, promover a igualdade de ensino e o respeito pela pluralidade de ideias de seus educandos, para garantir a permanência dos mesmos no ambiente escolar, evitando assim a marginalização e a invisibilidade desses atores sociais. A escola, muitas vezes, é o local onde os indivíduos passam a maior parte do seu tempo, é na convivência diária com o educador e com os colegas de turma que acontece a socialização entre os mesmos e aprendem valores éticos, morais e humanos, que regem nossa sociedade.

De acordo com Nascimento (2012, p. 40),

A escola é um dos espaços de socialização dos indivíduos. É através dela que os alunos desenvolvem o senso crítico e aprendem valores éticos e morais que regem a sociedade. A escola tem como responsabilidade ampliar os horizontes cultural e expectativas dos alunos numa perspectiva multicultural. É na escola que aprendemos a conviver com as diferentes formas de agir, pensar e se relacionar; portanto, ela deve refletir essa diversidade.

A escola é um dos lugares que abriga diferentes diversidades, seja ela de gênero, sexual, religiosa, étnico-racial, cultural, entre outras, torna-se então responsável por tomar medidas preventivas sobre qualquer tipo de preconceito e discriminação dentro do ambiente escolar. Nesse sentido, Louro (2014, p. 61) afirma que, “Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. [...] Ela se incumbiu de separar os sujeitos [...] ela imediatamente separou meninos das meninas.”. Pode-se compreender que a escola recebe diversos tipos de sujeitos, porém, em vez de uni-los e abordar a questão do respeito e igualdade, a mesma faz separar os meninos das meninas, criando assim desigualdade, distinções e diferenças, além de hierarquização, classificação.

Considerando a diversidade de gênero presente em toda a sociedade, inclusive nas escolas, que representa também parte desta mesma sociedade, encontramos diversos tipos de preconceitos, discriminações e até mesmo, comportamentos como expectativas de gênero.

Sobre as expectativas de gênero, Lins (2016, p. 19) comenta que,

O comportamento esperado na escola também é marcado por expectativas de gênero. Quando pensamos que “matemática é coisa de menino”, que “menina é mais caprichosa”, enfim, que certas coisas são próprias de meninas e outras de meninos, estamos limitando as aprendizagens e as experiências de vida das crianças ou adolescentes.

São atitudes como essas que não devem existir dentro das escolas, pois além de gerar mais desigualdade de gênero, ainda gera práticas discriminatórias reforçando o preconceito e até mesmo, *bullying*. De acordo com Candau (2007, p. 03), “[...] atualmente a questão da diferença assume importância especial e transforma-se num direito, não só o direito dos diferentes a serem iguais, mas o direito de afirmar a diferença [...]”. Nesse sentido, a diferença torna-se um direito aos diferentes, não só pela busca ao direito da igualdade, mas sim para reconhecer a diferença. “Não se trata de afirmar um polo e negar o outro, mas de articulá-los de tal modo que um nos remeta ao outro.”. (CANDAU, 2007, p. 03). Portanto, devemos ter a escola como um elemento para a construção da igualdade, reconhecendo a diferença existente em cada ser humano, pois esse é o primeiro passo para reconhecer a igualdade.

Em relação à escola, Nunes (2011, p. 20) destaca que “[...] necessita ser democrática, inclusiva e acolhedora para todos [...]”. Assim, aposta-se em uma educação cujo ambiente escolar seja plural, democrático, livre de qualquer forma e expressão de preconceitos ou práticas discriminatórias, onde a educação para a diversidade seja cada vez mais estimuladas nas escolas e a formação docente para este assunto seja cada vez mais repensada, com o intuito de investigar nos educandos a reflexão acerca dos valores éticos, morais e humanos de forma clara e libertadora.

De acordo com Vieira (2013, p. 81),

Partindo destes pressupostos, qualquer intervenção educativa que vise os combates às estereotípias de gênero, ou outras, deve promover junto das pessoas envolvidas sobretudo o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre a realidade.

Sendo assim, a escola deve agir de forma transformadora, ou seja, fazer intervenções que pretenda combater os estereótipos de gênero e prevenir atitudes de preconceito, discriminação, desigualdade e violência. É importante também, para propagar uma cultura de

paz no ambiente escolar, fazer intervenções educativas e ações preventivas com o intuito de propiciar uma educação emancipatória e incentivá-los a refletir e criticar a realidade em que vivemos.

Na perspectiva de estabelecer respostas para os desafios da educação, Nunes (2011, p. 31) cita que,

Para dar respostas aos grandes desafios da educação no mundo contemporâneo e no futuro, a Unesco estabeleceu, em 1993, a Comissão Internacional de Educação para o século XXI. Essa comissão foi presidida por Jacques Delors e por um grupo de especialistas e pedagogos de várias partes do mundo que produziram um relatório com sugestões e recomendações, que passou a ser conhecidos como “Relatório Delors”.

Com o Relatório Delors, estabeleceu-se então, eixos norteadores para a educação contemporânea e do futuro, denominados como os quatro pilares da educação, caracterizados como: aprender a ser, aprender a conviver, aprender a fazer e aprender a conhecer. Nunes (2011, p. 32), afirma que “[...] o relatório busca mostrar a importância de uma educação também voltada para os princípios, valores e virtudes que devem ser semeados em cada criança e jovem.”. Nesse sentido, pode-se entender que o relatório da Unesco destaca a importância de uma educação voltada para a formação de princípios, valores e virtudes nos seres humanos durante a infância e a juventude, com a intenção de prepara-los para a vida. Assim sendo, Nunes (2011, p. 32) ainda cita que, “A construção desses objetivos preconizados pela Unesco visa a mudança de atitudes e comportamentos, entre outros, direcionados na busca de uma educação para a paz e a superação pacífica dos conflitos.”. É justamente a busca por uma educação voltada para a paz que as escolas devem se nortear, pois as violências geradas por conflitos, discriminações, desigualdades, estereótipos, etc. São situações que podem ser prevenidas se o ambiente escolar se direcionar para a realização destes objetivos e princípios orientados pelos quatro pilares da educação.

Enfatiza-se, então, a importância de se aprender a viver juntos, a viver com o outros, é neste sentido que um dos pilares da educação se volta para esta concepção, é o aprender a “conviver”. Nunes (2011, p. 37) afirma que, “[...] através do qual a escola deve ensinar o aluno a se relacionar melhor em seu meio, de forma participativa, solidária e cooperativa. [...]”. Nota-se, portanto, a importância deste pilar, é através da prática do mesmo que a escola é capaz de ensinar aos seus educandos e educandas o valor de se relacionarem com os outros de maneira participativa, solidária e cooperativa.

Sobre o pilar da educação, aprender a “conviver”, Nunes (2011, p. 37) afirma que,

[...] Aprender a conviver significa habilitar-se para um maior e melhor exercício das relações humanas, tais como exercer uma boa comunicação, ter maior participação social, realizar trabalhos cooperativos, possuir habilidades em negociações e gerenciamento dos conflitos. Significa também aprender a ter uma maior consciência e responsabilidade social, desenvolvendo empatia, apreciação pela diversidade, respeito pelos outros e espírito de solidariedade.

Aprender a conviver vai além de apenas saber viver juntos, o objetivo de ter uma educação voltada para este pilar da educação, é passar aos educandos o ensinamento do valor do respeito às singularidades do ser humano, sem julgamentos pelas diversidades, ter consciência e responsabilidade social, habilidade em lidar com conflitos, etc. As escolas necessitam de educadores preparados para levar este tipo de conhecimento para as crianças e jovens, aprender a conviver mostra-se importante também para a relação entre educador/educando e educando/educando, em busca de uma educação voltada para os princípios da paz, da solidariedade, reciprocidade, respeito mútuo, pois este pilar da Unesco, assim como, aprender a ser, aprender a fazer e aprender a conhecer, podem transformar a educação, na perspectiva de um ambiente escolar cooperativo, amenizando qualquer violência, valorizando a igualdade, o respeito e a convivência entre/com todos.

5. Escola Plural: algumas reflexões

A escola é o lugar onde se encontra diversos tipos de pessoas e culturas, portanto o ambiente escolar deve ser acolhedor para receber essa diversidade, essa pluralidade de educandos e educandas. A proposta de uma Escola plural se volta para as singularidades do indivíduo, apresenta um ambiente democrático, respeita as diversas visões de mundo, valores e saberes promulgando valores humanos e éticos, além de educar para a cidadania.

Sobre a educação para a cidadania, Marinho (2012, p. 85) cita que,

Educação para o exercício da cidadania, em conformidade com a Educação em Direitos Humanos passou a significar uma possível inserção capaz de dimensionar novas perspectivas de promover e estimular situações relacionadas à prática da tolerância e do respeito às diversidades culturais, sexuais, religiosas e étnicas, a partir do cotidiano escolar, visando à formação de cidadãos(ãs) críticos(as) e conscientes de seus direitos e deveres.

A proposta da Escola Plural é norteada por eixos que são considerados princípios orientadores, que segundo Miranda (2007), “[...] são eles: uma intervenção coletiva radical, a escola como espaço de produção e vivência cultural, as virtualidades educativas da materialidade da escola, a sensibilidade em relação a totalidade da formação humana, a vivência de cada idade de formação sem interrupção, a socialização adequada de cada idade e

uma nova identidade da escola e do seu profissional.”. Portanto, a Escola Plural se preocupa com a formação do indivíduo como um todo, conferindo a importância para os mesmos se expressarem, produzirem, se socializarem e se descobrirem sem interrupções, este projeto além de ser flexível, oportuniza seus educandos a criarem e viverem diversos tipos de experiências, como a socialização e interação com o próximo.

Segundo Miranda (2007, p. 7):

A Escola Plural propôs o rompimento com a concepção tradicional de ensino e aprendizagem, passando a incorporar a realidade social, considerando as questões e os problemas enfrentados pelos homens e pelas mulheres de nosso tempo como objeto de conhecimento.

Entende-se que a Escola Plural estabelece um rompimento com o tradicionalismo e incorpora a realidade social, com um olhar voltado para o ser humano, com isso as questões sociais tornaram-se o objeto de estudo de conhecimento da Escola plural, fortalecendo a formação humana.

A importância desta escola é “[...] por muitas razões, um projeto pedagógico muito inovador, uma das mais corajosas tentativas de combater a evasão e a repetência e de resgatar o direito e o prazer de aprender [...]”. (MIRANDA, 2007). Nessa perspectiva, caracterizamos a Escola Plural como uma proposta educacional democrática, aberta às diferenças sem desigualdade, visando o respeito às singularidades de cada educando, buscando oferecer para os mesmos um ambiente de paz, sem qualquer tipo de violência, considerando que somos todos diferentes e não desiguais.

No processo da busca de um ambiente de paz, Nunes (2011, p. 21) fala que,

Toda escola precisa dar condições para a discussão dos valores que levam à conscientização e à autorreflexão crítica. A busca da paz constante não quer dizer que não teremos conflitos na escola. Eles continuarão a existir, porque fazem parte da condição humana, mas coexistirão dentro de uma perspectiva de paz.

Neste sentido, a escola deve buscar a prevenção da violência e levar discussões a respeito da conscientização da paz para o ambiente escolar. Os docentes devem enfrentar os conflitos com práticas pedagógicas dentro de uma perspectiva voltada para a paz.

A Escola Plural aposta no valor das diferenças, na democracia e na autonomia de seus educandos, este projeto tem como foco principal formar pessoas que saibam ler o mundo, das mais variadas formas, respeitando as diferenças, as diversidades de modo geral e que desenvolvam a autonomia posicionando-se perante a sociedade.

De acordo com Benevides (1998, p. 157),

A educação é aqui entendida, basicamente, como a formação do ser humano para desenvolver suas potencialidades de conhecimento, julgamento e escolha para viver conscientemente em sociedade, o que inclui também a noção de que o processo educacional, em si, contribui tanto para conservar quanto para mudar valores, crenças, mentalidades, costumes e práticas. [...].

A Escola Plural é um projeto pedagógico com uma proposta educacional diferente das escolas tradicionais, cuja finalidade é, portanto, uma educação democrática que se volte para a formação dos indivíduos para exercer a cidadania, sem preconceito, violência, desigualdade, entre outros, respeitando assim, as singularidades de cada um, além de contribuir para a construção dos valores éticos, morais e humanos, busca-se com esta proposta incentivar a valorização da autonomia e do respeito a todos.

6. O docente e a diversidade de gênero

O educador em seu dia a dia se depara com diversos desafios, alguns fáceis e outros mais complexos, definir o grau de dificuldade varia de professor para professor, de acordo com seus valores, experiência na profissão, sua postura, etc.

No ambiente escolar o docente se depara com a diversidade de gênero que, de acordo com Lins (2016, p. 10), “[...] é um dispositivo cultural, constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino [...]”. Esta compreensão do conceito por parte do docente faz-se necessário para que o mesmo não reproduza estereótipos de gênero, como por exemplo citar frases do tipo “menino não chora” ou “senta-se como uma menina”, atitudes como estas não devem ser reproduzidas no cotidiano escolar e na prática pedagógica, pois não é papel do professor fazer associações específicas de meninos e meninas, atitudes como essas são bases para diversas situações de desigualdade.

Segundo Lins (2016, p. 17),

As diferenças percebidas entre o corpo feminino e o masculino foram transformadas em desigualdades através de um processo histórico e cultural cujo resultado foi a naturalização de vários estereótipos de feminilidade e masculinidade.

Nota-se, portanto, a importância da formação docente para a diversidade de gênero, com a finalidade de formar educadores que valorizem as diversidades existentes, sem a formação adequada, pode-se gerar situações de desigualdade ou atitudes preconceituosas que

são um desafio a se enfrentar, porém se torna fácil de solucionar quando se tem conhecimento do assunto e o mesmo seja trabalhado em sala de aula. De acordo com Nunes (2011, p. 42), “O educador deve-se comprometer com uma educação que [...] substitua a discriminação pela conscientização.”. É neste sentido que é ressaltado a relevância de se trabalhar a conscientização do respeito pelas diferenças, pois com a conscientização dos educandos a respeito das diversidades e diferenças entre os seres humanos podemos evitar a discriminação, com a finalidade de extinguir a mesma das escolas.

Neste sentido, Nunes (2011, p. 42) cita que,

A escola é um local marcado pelas diferenças de pessoas, cada um com a sua história, sua aparência, sua visão de mundo e suas formas de agir e pensar. Os alunos deverão trabalhar com constância para que se libertem de possíveis atitudes discriminatórias em relação às diferenças apontadas, devendo responder à diversidade étnica, etária, linguística, econômica, cultural e de gênero de maneira positiva e socialmente responsável.

A escola por ser um local onde recebe diversos tipos de pessoas, cada uma carregando a sua bagagem, entende-se que estes educandos devem aprender a respeitar todas as diversidades, seja ela étnica, cultural, gênero, etc, de uma maneira positiva, responsável e sem violência, contribuindo para a igualdade e o respeito a todos. Nesta perspectiva, Lins (2016, p. 24) afirma que, “[...] Igualdade entre as pessoas não é anular as nuances e as diferenças existentes entre elas, mas garantir que tais variações não sejam usadas para se estabelecer relações de poder, hierarquia, violência e injustiça.”. Portanto, quando se refere à igualdade entre as pessoas, não quer dizer que as diferenças estão sendo deixadas de lado, mas sim, afirmar que as diferenças existentes devem ser respeitadas, para que atitudes como violências e injustiças não sejam reproduzidas.

Os educadores precisam desconstruir conceitos, pluralizar conhecimentos, além de contribuir para a construção de um ambiente escolar saudável, livre de preconceitos e desigualdades. Abordar a diversidade em sala de aula é fundamental, sendo assim, o educador necessita estar ciente da importância de se trabalhar e tratar estas questões relacionadas à diversidade, é essencial que os mesmos entendam que tratar a diversidade de gênero no ambiente escolar é preparar seus educandos e educandas para a vida, pois, a diversidade de modo geral está em todos os lugares.

Na perspectiva de uma educação para a diversidade, o educador deve refletir com seus educandos a relevância da paz, do saber conviver com todos, do respeito, da igualdade, dos direitos humanos, além de buscar a prevenção da violência gerada pelo preconceito,

desigualdade, discriminação, entre outros. Deve-se abordar a diversidade de gênero no contexto escolar com a finalidade de desconstruir os conceitos e preconceitos estabelecidos pela sociedade, tratar do masculino e feminino vai além de estabelecer regras, atitudes, normas e conceitos, trata-se de respeitar o próximo, com igualdade, com a compreensão de que a educação não deve restringir ou apontar os dedos para as diferenças percebidas, mas sim acolher, portanto, os educadores precisam ser inclusivos, transformadores e democráticos na busca de uma escola plural, aberta e acolhedora.

7. Formação Docente

Quando se fala em educação, logo se pensa em professores, profissional este que para exercer a profissão deve-se primeiro receber uma formação adequada para tal atuação. Neste sentido, será abordado a importância da formação docente para que os educadores sejam capacitados para exercer a profissão de forma igualitária, acolhedora, transformadora e inclusiva.

Sobre a formação de professores, Silva (2002, p. 2) afirma que,

[...] A formação de professores é um processo contínuo de desenvolvimento pessoal, profissional e político-social, que não se constrói em alguns anos de curso, ou mesmo pelo acúmulo de cursos, técnicas e conhecimentos, mas pela reflexão coletiva do trabalho, de sua direção, seus meios e fins, durante a carreira profissional e antes dela.

Ressalta-se, então, que a formação docente seja atribuída não apenas por cursos, técnicas e conhecimentos, mas sim, o conjunto destes associados com as experiências adquiridas pela da carreira profissional, como também por uma ininterrupta e inacabada reflexão de seu trabalho. As escolas precisam de profissionais capacitados para oferecer aos educandos uma educação longe de qualquer tipo de preconceito, discriminação, intolerância e acima de tudo, de qualidade.

De acordo com Silva (2002, p. 4),

A formação de professores é uma temática recorrente e central na pesquisa educacional por serem estes os sujeitos sociais que estão ou estarão trabalhando a formação de outros sujeitos sociais. Vale lembrar que a atividade docente contém as formas de reprodução, resistência, produção de valores e práticas sociais, sendo sua prática um resultado de mediações, ou seja, ela é constituída por múltiplas determinações, entre estas a formação inicial. [...].

É de fundamental importância que os docentes recebam uma formação capacitada, adequada e de qualidade, preocupando-se com o futuro da educação, que também estará nas mãos dos docentes em processo de formação, portanto, os mesmos devem estar preparados para ensinar, aprender, refletir, instigar, analisar, orientar, etc, os educandos de forma construtiva, objetiva, responsável e com conhecimento, pois estes são também sujeitos sociais em processo de formação.

Durante a formação docente, os mesmos estudam diversos conteúdos, que são a base para a atuação profissional, entretanto, ressalta-se a importância de instruir conteúdos voltados para a diversidade, o respeito às diferenças e a igualdade entre todos, a inclusão, etc. Neste sentido, Nunes (2011, p. 42) afirma que, “o desafio é construir uma pedagogia multicultural que respeite as diferenças e não reproduza estereótipos, exclusões e padrões sociais incompatíveis com o respeito à diversidade.”. Portanto, os docentes devem receber uma formação que busque desmistificar as diferenças e os preconceitos em relação às diversidades em sala de aula.

A formação docente vai além de preparar os mesmos para a prática pedagógica, precisa-se formar docentes na perspectiva de uma educação em direitos humanos, que segundo Marinho (2012, p. 37), “[...] a concepção de Educação em Direitos Humanos incorpora a compreensão de cidadania democrática, cidadania ativa e cidadania popular, embasadas nos princípios da liberdade, da igualdade, da diversidade, na universalidade, indivisibilidade e interdependência do direitos.”. Visto que os futuros docentes devem receber uma educação voltada para estes princípios, para que se formem e durante a atuação profissional se embasem na busca pela igualdade, o respeito pelas diferenças, uma educação voltada para a paz e que valorize as diversidades existentes e que tenha por finalidade, prevenir a violência, os conflitos, preconceitos e discriminações.

Neste sentido, Nunes (2011, p. 22) afirma que,

Assim, a escola pode ajudar promovendo uma educação que valorize as relações humanas e sociais e tenha como exercício cotidiano a busca da solidariedade, da amizade, da cooperação, da construção da paz, do respeito, da ética e dos valores fundamentais da pessoa humana [...].

Diante do tema do estudo abordado, os docentes devem receber uma formação adequada para trabalhar com a diversidade de gênero, que está presente em todos os lugares. O foco desta formação voltada para tal diversidade é evitar que os docentes reproduzam frases

e atitudes preconceituosas e discriminatórias, pois o ambiente escolar deve ser democrático, inclusivo e transformador, livre de qualquer violência.

Em relação à diversidade de gênero, os docentes devem receber uma formação voltada para o respeito às diferenças do próximo, ser transformador, acolhedor, inclusivo, livre de práticas discriminatórias como fazer filas de meninos e filas de meninas, separando brincadeiras por gênero, citar frases como “azul é de menino” ou “rosa é de menina”, até mesmo “futebol é brincadeira para meninos” ou “boneca é brinquedo de menina”, frases e atitudes como estas devem ser evitadas pelos docentes e nada melhor para orientá-los do que a formação docente. Neste sentido, Lins (2016, p. 101), afirma que, “acreditamos que as educadoras e os educadores estão em constante formação, em processo de reflexão contínua sobre seu ofício, sempre se alfabetizando (das mais diversas formas), complexificando e transformando seus saberes e práticas. [...]”. Portanto, os docentes estão sempre buscando conhecimento, esta busca é importante para a qualificação e para a ampliação do conhecimento e diálogo a respeito da diversidade de gênero.

A formação docente para as diversidades, deve ser voltada para o respeito e igualdade, a educação precisa de docentes preparados para enfrentar os desafios que a diversidade de gênero apresenta, as separações e as diferenças entre meninas e meninos podem criar desigualdades, geradoras de várias violências como o preconceito, discriminação, hierarquia, etc. Os docentes necessitam desta formação para estar ciente de todas as necessidades a serem tratadas e trabalhadas em relação a este assunto no ambiente escolar, a formação adequada pode facilitar a prática pedagógica e de acordo com o conhecimento adquirido, pode realizar o seu trabalho com competência, respeitando todas as diversidades de modo geral, sem discriminação, desigualdade, preconceito e estereótipo.

8. Desafios da formação docente para a diversidade de gênero

A busca por uma educação emancipada de preconceitos, desigualdade e violência é contínua, no entanto, cabe aos educadores e educadoras refletirem sobre suas práticas pedagógicas e analisarem como se comportam perante as diferenças. Nesse sentido, Lins (2016, p. 100) afirma que, “[...] É preciso estar sempre atento para as diferenças que se transformam em desigualdades e marcam a experiência das pessoas e das futuras gerações.”. Nota-se a importância de estar alerta em relação às diferenças, para que não prejudique a

experiência de vida das pessoas, tratar o próximo com desigualdade é errado, deve-se tratar com respeito e igualdade, somos todos diferentes, mas não desiguais.

A sociedade estabeleceu uma organização social dividida em masculino se referindo aos homens e o feminino se referindo às mulheres, porém, estes papéis socio-históricos foram estabelecendo regras e normas para as formas de expressão destes gêneros, transformando-os em estereótipos e desigualdades.

De acordo com Lins (2016, p. 16),

Além de serem regras restritivas, que tentam encaixar as pessoas em estereótipos sociais, as normas de gênero são também a base para muitas situações de desigualdade. Quando usamos o termo “desigualdade de gênero”, nos referimos a relação de poder, privilégio ou hierarquias sociais criadas a partir das diferenças percebidas entre homens e mulheres, ou entre masculinidades e feminilidades.

As diferenças percebidas entre homens e mulheres não devem ser motivos para desqualificá-los ou valorizá-los por conta do gênero. Tratar da questão de gênero vai além de separá-los, excluí-los ou privilegiá-los, atitudes como estas reforçam a desigualdade, deve-se tratar esta questão com igualdade e respeito sem restrições.

Os docentes devem estar preparados para enfrentar os desafios da diversidade de gênero nas escolas, fazendo do ambiente escolar um espaço democrático, livre de qualquer prática de violência, emancipador e seguro.

Nesta perspectiva, Lins (2016, p. 67), cita que,

O que buscamos, com esses cenários, é mostrar como as situações em que há violência de gênero podem ser comuns no espaço escolar e trazer dilemas e tensões para a prática das/os profissionais da educação. No entanto, podem propiciar espaços de troca, reflexão e transformação que minimizem o sofrimento daquelas e daqueles que são estigmatizados e atacados. [...].

A educação necessita cada vez mais de educadores capacitados para transformar o espaço escolar, capaz de fazer da escola e da sala de aula um lugar aberto, democratizado e acolhedor. Para obter-se este resultado deve-se aprimorar a formação docente, Lins (2016, p. 63) afirma que, “[...] a escola é o espaço que concebemos para estimular a reflexão, o aprendizado e o desenvolvimento de comportamentos mais compatíveis com a diversidade e a democracia. [...]”. Neste sentido, a escola é o lugar onde o docente deve estimular a reflexão e o aprendizado do respeito às diversidades e a democracia, deve-se salientar a importância de

formar cidadãos para enfrentar os desafios da sociedade e saber lidar com as diferenças, sem discriminação, preconceito, violência, etc.

Nesta concepção, Lins (2016, p. 67) cita que,

[...] O objetivo é criar alunas e alunos mais equipados para lidar com um mundo permeado de diferenças. Não podemos nos isentar da responsabilidade e do compromisso de gerar espaços mais democráticos e seguros. Por isso, quebrar o silêncio e encarar questões de diversidade e direitos não devem ser ações realizadas somente em situações de exceção ou problemáticas, mas cotidianamente e por todas/os as/os profissionais da escola.

Portanto, sabe-se que a diversidade de gênero está presente em nossa sociedade, quem lida com a mesma nas escolas são os educadores, neste sentido, deve-se destacar a importância de uma formação docente para a diversidade de gênero adequada e qualificada, em busca de uma educação emancipada, livre de estereótipos e preconceitos. Sendo assim, Lins (2016, p. 102) afirma que, “[...] profissionais da educação têm um lugar privilegiado de mudança social, quando engajados na transformação de preconceitos e discriminações. São eles que nos educam nas mais diversas formas de conhecimento: com letras, palavras, números, histórias, afetos e valores.”. Portanto, os educadores e educadoras quando se comprometem com a mudança na educação, podem buscar diversas formas para prevenir as escolas das mais variadas formas de violência, desigualdade, discriminação, estereótipos e preconceitos, promovendo um espaço democrático, aberto, inclusivo, transformador, acolhedor, pacificado e preparado para receber as diversidades de modo geral existentes na sociedade, com respeito e igualdade.

9. BNCC - Base Nacional Comum Curricular e a diversidade de gênero

Considerando as perspectivas e orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada no final de 2017, uma das mudanças feitas na BNCC foi a retirada dos documentos relacionados à identidade de gênero e orientação sexual. Sabe-se que os currículos das escolas no Brasil eram norteados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, onde continha um capítulo sobre as questões de gênero e sexualidade.

Sobre as relações de gênero na educação, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 144), afirma que,

A discussão sobre relações de gênero tem como objetivo combater relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens

e mulheres e apontar para sua transformação. A flexibilização dos padrões visa permitir a expressão de potencialidades existentes em cada ser humano que são dificultadas pelos estereótipos de gênero. [...].

Entende-se que quando a escola retira estas questões voltadas para o gênero e sexualidade, perde a oportunidade de tratar e ensinar o respeito e a igualdade, pois ninguém é igual a ninguém, todos somos diferentes, mas não desiguais. O termo identidade de gênero, não aborda assuntos relacionados apenas ao masculino e feminino, discute também o eu e as características de cada pessoa, além de evitar violências físicas e emocionais, preconceitos, estereótipos, exclusões e discriminações. Portanto, com a omissão dos termos gênero e sexualidade na BNCC, a educação perde grandes possibilidades de ensinar as pessoas a se respeitarem mais, tratar o próximo com igualdade, pois é no convívio com as diferenças que a sociedade é construída.

Em relação à diversidade, a Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 10), cita que,

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

Se a BNCC não contém a identidade de gênero e orientação sexual, provavelmente, os educadores não irão receber formação, muito menos, capacitação para trabalhar com estas questões na prática pedagógica, portanto, com a falta de discussões relacionadas a estas questões, pode-se transformar a sociedade mais preconceituosa e violenta do que já apresenta ser. A falta de conhecimento dos educandos pode causar grandes conflitos e violências, como homofobia, exclusões ou até mesmo, discriminações, neste sentido, ressalta-se a importância do preparo por parte dos docentes para mediar e lidar com estes confrontos.

10 Considerações Finais

Conforme as observações apresentadas, é possível compreender a importância de formar docentes preparados para enfrentar os desafios da diversidade de gênero no ambiente escolar, é a partir de uma formação adequada e de qualidade que os educadores podem ser capazes de fazer uma transformação na educação.

Geralmente nas escolas, não separam turmas por gêneros, ou seja, as salas de aula são mistas, onde se misturam meninos e meninas. Apesar desta mistura, existe educadores que ainda exercem sua prática pedagógica mesmo que aparentemente silenciosa, com preconceito,

desigualdade e reforçando os estereótipos, os mesmos deixam esclarecer estas formas de violência, quando separam as filas por gênero, quando julgam atitudes e ações dos educandos e educandas pelo gênero que lhe é atribuído, como “menina é assim” ou “menino não faz isso”, frases como estas podem deixar marcas negativas na vida dessas pessoas, não é papel do educador definir o que é “coisa de menina e coisa de menino”, práticas como esta apenas afirma a necessidade de investir em uma educação emancipadora, de qualidade e transformadora, ao passo de prevenir e buscar formas de acabar com as violências geradas pelo preconceito.

Segundo Auad (2018, p. 23),

Ainda sobre as diferenças e as desigualdades, [...] “O contrário da igualdade não é a diferença. O contrário da igualdade é a desigualdade. Uma diferença pode ser culturalmente enriquecedora, ao passo que uma desigualdade pode ser um crime”.

O presente estudo, foi elaborado segundo esta perspectiva, onde o contrário da igualdade é a desigualdade e não a diferença, deve-se tratar as diferenças com respeito e igualdade, tratar com desigualdade é crime, pois somente através do reconhecimento da diferença pode-se contribuir com a igualdade.

A diversidade de gênero está presente em todos os lugares, inclusive na sala de aula e um dos vários desafios a serem enfrentados pelos docentes é o de acabar com os estereótipos estabelecidos pela sociedade quando dizem “meninos não choram” ou “se comporta como uma menina”, atitudes como estas devem ser banidas de dentro do ambiente escolar, este é um desafio a se enfrentar e um objetivo a se alcançar, portanto salienta-se a importância dos docentes receberem uma formação adequada para saber lidar com estes desafios, sem preconceitos, violências, discriminações ou até mesmo, a exclusão.

De acordo com Lins (2016, p. 75),

A formação continuada de professoras/es, gestoras/es e toda a equipe técnica deve estar voltada para a percepção das questões de gênero. Em se tratando de práticas naturalizadas em nosso cotidiano, é importante que muita energia e esforço contínuo sejam despendidos no questionamento de nossas ações e preconceitos, visando construir uma escola mais acolhedora.

A formação docente para a tal diversidade é importante para fazer da escola um ambiente escolar democrático, inclusivo, acolhedor e livre de qualquer tipo de preconceito ou discriminação, são estes um dos desafios a se enfrentar na atualidade, porém é necessário que os futuros docentes tenham um olhar humano, transformador, são estes os profissionais que

podem contribuir para a mudança da educação quanto a diversidade de gênero e promover a paz nas escolas.

Dentro da escola deve-se manter o ensinamento do respeito ao próximo, o ambiente escolar deve ser democrático, transformador e acolhedor, ideias e comportamentos preconceituosos devem ser prevenidas e esta prevenção pode ser feita a partir de planejamentos e projetos pedagógicos. De acordo com Nunes (2011, p. 31), “A escola é o local adequado para aprimorar nosso potencial de vivermos juntos, de alcançarmos objetivos comuns criando habilidades de relacionamentos e de difundirmos práticas de solidariedade e de cooperação. [...]”. Portanto, é por meio da educação que podemos transformar a sociedade e alcançar mudanças positivas para a cidadania, assim como romper com padrões rígidos socialmente construídos e muitas vezes, reforçados pela escola.

Referências

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**/ Daniela Auad. – 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2018.

BENEVIDES, Maria Victoria Mesquita. O desafio da educação para a cidadania. In: Aquino. Julio Groppa (org), **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**/ Coordenação de Julio Groppa Aquino. – São Paulo: Summus, 1998.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil** [recurso eletrônico]. -- Brasília: Supremo Tribunal Federal, Secretaria de Documentação, 2017. 514 p. Atualizada até a EC n. 96/2017.

Brasil. Secretaria Municipal de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares: pluralidade cultural, orientação sexual** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CANDAU, Vera Maria. **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença**. Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 37 jan./abr. 2008

DINIZ, M. **Inclusão de pessoas com deficiência e/ou necessidades específicas: avanços e desafios**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**/ Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

LINS, Beatriz Accioly. **Diferentes não desiguais: a questão de gênero na escola**/ Beatriz Accioly Lins, Bernardo Fonseca Machado e Michele Escoura. – 1ªed. – São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**/ Guacira Lopes Louro. 16. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 3º. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARINHO, Genilson. **Educar em direitos humanos e formar para cidadania no ensino fundamental/** Genilson Marinho. – São Paulo: Cortez, 2012. – (Coleção educação em direitos humanos; v.1)

MIRANDA, Glaura Vasques. 2007. **Escola Plural**. Estud. av. vol.21 no.60 São Paulo May/Aug. 2007.

NASCIMENTO, Valdecir Pedreira. Pressupostos básicos da formação de professores no projeto Escola Plural: a diversidade está na sala. In: LIMA, Maria Nazaré Mota (org.), **Escola Plural: a diversidade está na sala: formação de professores/ as em história e cultura afro-brasileira e africana**. Revisão linguística. – 3. Ed. – São Paulo: Cortez; Brasília: UNICEF, 2012.

NUNES, Antônio Ozório. **Como restaurar a paz nas escolas: um guia para educadores**. São Paulo: contexto, 2011.

SILVA, Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro. Articulação teoria e prática na formação de professores: a concepção oficial. In: **INTER-: AÇÃO. Revista da faculdade de Educação**, UFG. Vol. 1, 1975- Goiânia: Editora da UFG, 1975- v.27, jul./dez. 2002.

VIANNA, Claudia; RIDENTI, Sandra. Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito. In: AQUINO, Julio G. (Org.). **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998.

VIEIRA. Cristina Maria Coimbra. Crescer sem discriminações. Perscrutando e combatendo estereótipos de gênero nas práticas familiares e escolares. In: REIS, Maria Amelia de Souza (org), **Formação docente em gênero e sexualidade: entrelaçando teorias, políticas e práticas/** organizadores Amanda Oliveira Rabelo, Graziela Raupp Pereira e Maria Amelia de Souza Reis. – 1. Ed. – Petrópolis, RJ :De Petrus et Alii; Rio de Janeiro :FAPERJ, 2013.



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE GOIÁS - Uni-ANHANGUERA
CURSO DE PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Paula Giovanna N. A. Guiz portadora da Carteira de Identidade nº 6138100 emitida por SSP60, inscrita no CPF sob nº 702.231.841-79, residente e domiciliada em Rua Irmã Abele de Aquino Balus Qd 12 Lt 11 Residencial Monte Pascoal, telefone (62) 99453-5561, no endereço eletrônico: paulagiovanna15@hotmail

declaro, para os devidos fins e sob pena da lei, que o Trabalho de Conclusão de Curso: Diversidade de gênero: desafios para a formação docente

, é de minha exclusiva autoria. Autorizo o Centro Universitário de Goiás – Uni-ANHANGUERA a disponibilização do texto integral deste trabalho na biblioteca (consulta e divulgação pela internet), estando vedadas apenas a reprodução parcial ou total, sob pena de ressarcimento dos direitos autorais e penas combinadas na lei.

Paula Giovanna N. A. Guiz
Aluno(a)

Goiânia (GO), 11 de fevereiro de 2019

